

Tribo em pé de guerra

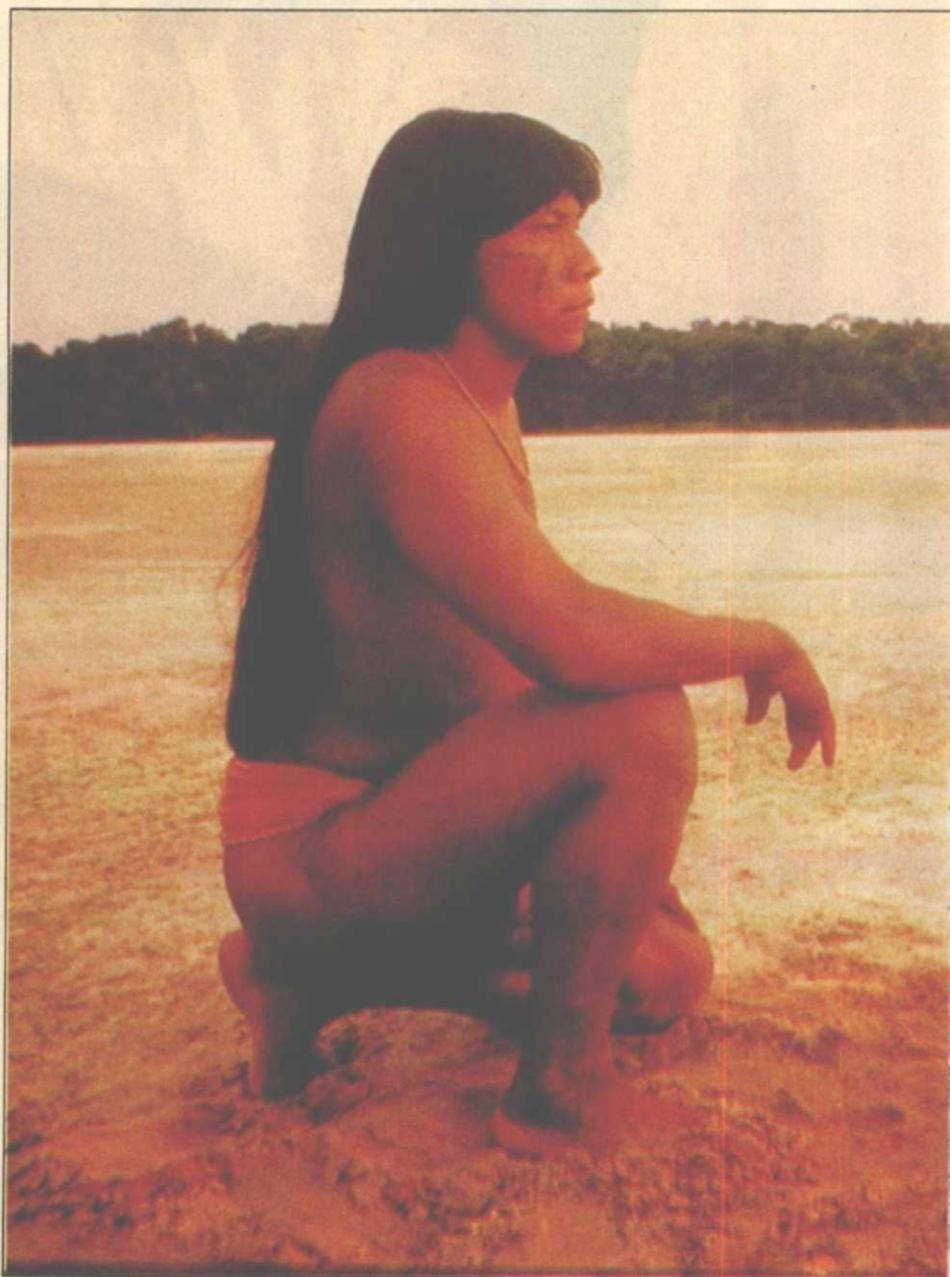
Índios são apenas figurantes em Kuarup, uma saga das lutas políticas no Brasil dos anos 50-60

JOSÉ CLÁUDIO GUIMARÃES

Rodar *Kuarup* em pleno Parque Indígena do Xingu “foi como passar um tempo em Marte”, definiu o ator Taumaturgo Ferreira, protagonista desta que é a mais ambiciosa e cara superprodução do cinema brasileiro de todos os tempos. O set de filmagem foi armado junto à aldeia dos 110 remanescentes da tribo Yawalapiti, distante apenas dez minutos a pé do posto Leonardo Villas-Boas, da Funai, transformado numa espécie de base de aterrissagens de uma invasão alienígena, durante as 11 semanas que o elenco e a equipe técnica instalaram-se no parque.

Uma população de 100 pessoas acampou em 120 barracas, em condições que para os índios representaram um luxo inimaginável: instalações de água quente, eletricidade, lavanderia, lanchonete, sala de maquiagem, estúdio, escritório e refletores para tomadas noturnas, sem falar na ponte-aérea montada com os Búfalos C-115 da FAB e os barcos subindo e descendo o rio Xingu.

A epopéia prosseguiu em Recife, onde as cercanias do Palácio das Princesas, sede do governo estadual, tiveram de ser devidamente maquiadas, para a reconstituição dos anos 60. Os atuais postes de iluminação a vapor de mercúrio foram retirados e milhares de figurantes enfatotados à moda da época, tempo em que os recifenses ainda podiam vestir camisas de manga, calças de *nycron* e sapatos, um esbanjamento se comparado às camisetas, bermudas e chinelas de borracha a que estão condenados





PAULO MARCOS

Do Xingu a Cannes

Antonio Callado, com um índio Yawalapiti, viu as filmagens de *Kuarup*, que tem a exuberante Cláudia Raia em seu cast de estrelas



PAULO MARCOS

hoje. Tudo isso contou com o aval do governador Miguel Arraes, cujo episódio de deposição pelos militares em 1964, em seu primeiro mandato, foi retratado no filme.

As indicações são de que US\$ 5,5 milhões depois, valeu a pena a transposição para as telas do principal romance de Antonio Callado, centrada na trajetória de um jovem padre, que deixa a batina, sucumbe num desvario sexual e empunha armas para lutar contra a ditadura. O filme de Ruy Guerra foi escolhido para representar o Brasil no Festival de Cannes, o que assegura de antemão a sua exibição em circuito europeu e pelo menos o retorno do dinheiro empatado, em coprodução com a tevê alemã. A Palma de Ouro é outra conversa, mas essa possibilidade não pode ser descartada. O prestígio internacional de Guerra, aliado ao apuro técnico do filme, a um *cast* que inclui as maiores beldades da cena brasileira, e à oportunidade política de um filme que trata de ingredientes amazônicos com exuberância, caindo como uma luva no surto ecológico em voga, deve redundar, no mínimo, em premiações secundárias.

Numa demonstração que, embora considerados os menos aculturados do País, os índios do Xingu começam a aprender com os brancos, o chefe dos Yawalapiti, cacique Aritana, está processando a produtora de *Kuarup*, a Grapho, reclamando o pagamento de direitos de imagem, via Procuradoria-Geral da República. Foi-se o tempo em que trocavam por espelhos e quinquilharias produtos de valor. Hoje, os índios trocam a própria imagem, com cocares, pinturas e adereços exóticos, pelo que sabem ser também fundamental para a sua sobrevivência: espaço na mídia. Não é à toa que desde que a extinta TV Tupi tentou rodar no Alto Xingu a novela *Aritana* todas as filmagens por lá têm gerado questões.

O Quarup dos índios é uma cerimônia que acontece uma vez por ano, em que os espíritos dos guerreiros mortos encarnados em troncos, especialmente preparados e enfeitados, são jogados no rio para chegar ao reino de Ituíma, mais longe que o sol. É um ritual complexo, com aspectos religiosos, políticos, lúdicos, estéticos e morais (como as lutas *huka-huka*), onde as 13 tribos do Alto Xingu esta-▶▶

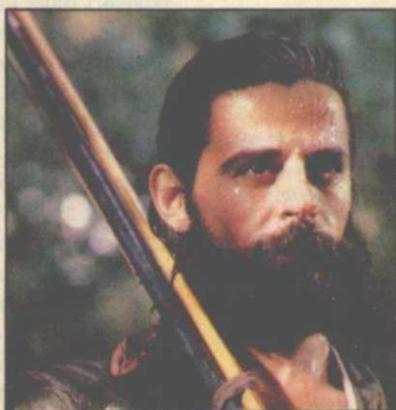
Um pecado original

O filme é expressionista sem ser exótico, mas padece de um ritmo de seriado de tevê

US\$ 5,5 milhões. Talvez modesto para padrões internacionais, ainda assim uma ousadia para a imaginação caraíba. A produção autócotone mais cara que já se teve notícia no cinema brasileiro. Some-se isso aos bons antecedentes conhecidos de

Ruy Guerra – o mesmo cacique de Os Fuzis, Erêndira e A Ópera do Malandro –, sem esquecer do desafio que é transpor para as telas um dos tótons da literatura, como Quarup, e multiplique pela expectativa criada pela seleção de filmes para a competição no Festival de Cannes. Está armado o grande lançamento nacional do ano, oportunamente antecipado para poucos dias antes de sua exibição na França (22 de maio). A escolha da história e locações em muito antecede os embates que hoje se travam entre o furor preservacionista e a fúria desenvolvimentista, acerca da Amazônia.

Não se acuse, portanto, o diretor de qualquer golpe de oportunismo político, com o objetivo de garantir de antemão uma bem-sucedida carreira internacional para o filme, aproveitando a onda de consciência culpada retardatária que assola os grandes promotores da devastação colonizadora no planeta. Mesmo porque, o prestígio do cineasta moçambicano radicado no Brasil foi construído em grande parte no Exterior e dispensa esse tipo



PAULO MARCOS



PAULO MARCOS

Taumaturgo Ferreira e Fernanda Torres

Padre Nando, da batina à luta armada, e sua adorada Fátima

de expediente. Inicialmente pensado para a televisão, adiado e alterado tantas vezes, Ruy Guerra acalentou durante mais de uma década o projeto de cinematografar o romance de Antonio Callado. Das filmagens, que se estenderam por três meses só no Xingu, chegavam os rumores de rugas com a Funai, bem como as acusações, devidamente rebatidas, de exploração da mão-de-obra indígena. Desentendimentos quanto aos direitos de imagem dos índios ainda não foram inteiramente resolvidos. Mas com o filme já em cartaz, detalhes e percalços nos bastidores da produção perderam espaço para a polêmica que se abre diante dos resultados finais: Kuarup vem coletando declarações de amor e bordoadas.

taumaturgo Ferreira) – da batina aos amores e à luta armada –, a questão indigenista é apenas o realce de fundo para as intenções centrais do filme. O esforço maior é o de armar um painel político dos anos 60 – desdobrável em flashbacks dos governos Vargas e Jânio Quadros – que pode, entretanto, perder muitos de seus detalhes a olhos estrangeiros ou simplesmente desavisados. Escrito em 1965 – 66, Quarup foi o primeiro grande registro literário de 1964. Se hoje, com toda a lucidez do distanciamento e do passar dos anos, a caracterização dos militares como uma espécie de inquisição laica soa ao mesmo tempo ingênua e maniqueísta, na verdade resguarda muito da alma e do tragicômico de uma época, que por vezes escapa da impessoalidade das análises históricas.

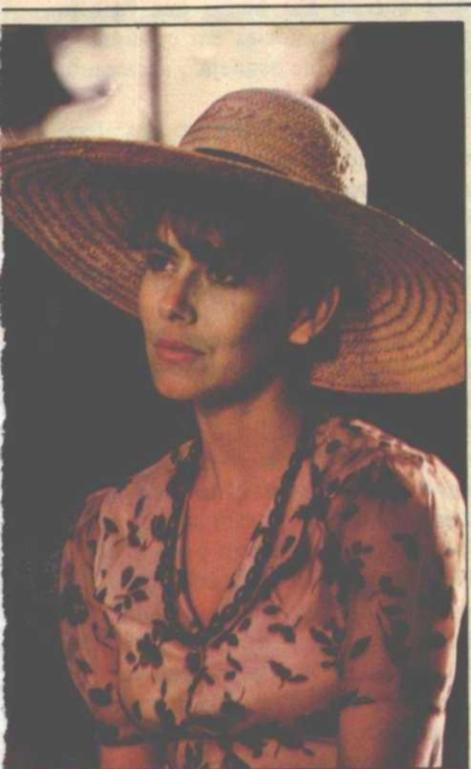
A adaptação de um romance, independentemente do porte, é sempre tarefa delicada. Após assistir aos copióes, Antonio Callado se disse satisfeito com a versão de sua obra filmada. Ainda que cinema e literatura sejam artes à parte, o roteiro foi o mais fide-



PAULO MARCOS

Cláudio Mamberti

Caracterização perfeita da era Jânio



Maitê Proença

Na constelação de estrelas

digno possível ao livro e *Guerra* optou por sacrificar o menos possível os episódios e personagens. A narrativa, como no romance, apóia-se em grande parte na densidade dos diálogos, reproduzidos muitas vezes idênticos ao original. Acaba-se imprimindo um tom teatral às falas de Kuarup. São poucos os trechos em que a imagem é deixada sem a intromissão das palavras. As caracterizações quase expressionistas – destaque para a fantástica interpretação de Cláudio Mamberti – surgem no estilo overacting do cinema nacional. Mas se o melhor do filme está no zelo com algumas passagens literárias, justamente quando o roteiro insere um filme dentro do filme, se descansa numa das seqüências mais belas de Kuarup. A conversa de Nando e Fátima (Fernanda Torres), intercalada com a dos atores que os estariam representando numa segunda versão dos personagens, é o mais eloqüente dos diálogos com a obra de Antonio Callado. Kuarup é um filme desigual que peca pela idéia original: a de deixar transparecer uma série em algumas partes do longa-metragem. Nem por isso se perde por ir conferir o bate-papo Ruy Guerra/Callado.

J.C.G.

belecem e reafirmam suas alianças mútuas.

No livro *Quarup* e no filme *Kuarup* – a adaptação na grafia obedeceu a critérios de promoção internacional –, espera-se a vinda do então presidente da República, Getúlio Vargas, a um Quarup. Mas a visita acaba não acontecendo, dando margem a que personagens que se adiantam à comitiva presidencial envolvam-se numa insólita discussão política em plena selva.

A “comparação do Brasil civilizado”, que é como o escritor Antonio Callado define o seu romance, pode ser vista em dois momentos do filme: quando a notícia da morte de Getúlio (“grande guerreiro”) é recebida exatamente durante o desenrolar de um Quarup, no momento das lutas de *huka-huka*, e quando o personagem Fernando, já despojado da batina, assume o nome de Levindo – um amigo morto pela repressão – e se engaja na luta armada, dizendo estar fazendo o seu Quarup pessoal.

A obra literária de Antonio Callado e o cinema já são velhos conhecidos. Seu primeiro romance a virar filme foi *Madona de Cedro*, em 1965, tendo como estrela a esfuziante Leila Diniz. Depois foi a vez de *Pedro Mico*, dirigido em 1985 por Ypojuca Pontes, tendo Pelé no papel-título, um verdadeiro gol-contra cinematográfico.

Quanto a *Quarup* e o cinema o namoro também é antigo. E bastante complicado. A primeira tentativa de se roteirizar o romance foi feita pelo próprio Callado, a pedido de Glauber Rocha. Para o escritor, o resultado não foi satisfatório: “Ficou longo demais. Tentando é que você descobre a dificuldade de se dar fluência cinematográfica a um romance”, diz o romancista. O outro voluntário para o esforço de transformar o material escrito em imagens foi o próprio Glauber. Porém, por pura falta de dinheiro para a produção, o projeto e o roteiro foram esquecidos. Além disso, seguir um roteiro nunca foi a especialidade do cinema glauberiano.

Segundo Antonio Callado, a atualidade do *Quarup* com Q (o livro) se mantém “pelo fato de o País ainda se sentir inseguro de si mesmo e de a tutela militar não ser uma página definitivamente virada”. O anacronismo do *Kuarup* com K (o filme) se deve ao

fato de que o projeto de se construir uma identidade cultural, necessidade tanto da direita quanto da esquerda está fora de moda, observa o escritor. Perderam-se as esperanças de se achar algo que representasse por inteiro um país com tantas caras. Callado também afirma que, desde os tempos da literatura romântica no Brasil, o índio foi idealizado como uma espécie de entidade “pura”. Ironicamente, por muitas vezes, tanto esquerda quanto direita foram buscar aquela tal identidade justamente fora das fronteiras da nossa língua e costumes “civilizados”: no índio.

Mas Callado avisa que em *Quarup* ele não teve a preocupação de identidade cultural, comparando o “Brasil civilizado e o Brasil selvagem”. Ele afirma que “a defesa da questão indígena, na qual estavam envolvidas as



Ruy Guerra

Uma idéia há dez anos na cabeça

forças politicamente progressistas de então, é mais um cenário do que personagem do livro”. Foi concebido como um ponto de encontro por onde transitam populistas, comunistas e clérigos de esquerda. E hoje os índios não só pedem a palavra, como também a tomam na defesa de sua própria sobrevivência, inteiramente identificada com as questões ecológicas que afligem o mundo. Talvez a falência das utopias políticas e das esperanças de “revolução” seja em grande parte responsável pelo crescimento da militância verde, fenômeno bastante recente e um fator capaz de desviar as atenções do planeta para o Brasil e sua questão amazônica.

Kuarup com K não atualiza nem esse cenário (a questão indígena) nem os (novos) personagens políticos. ●